



## **Espetáculo no telejornalismo: Um estudo do Jornal Nacional na cobertura da Copa do Mundo 2010<sup>1</sup>**

Gabriela da Silva PEREIRA<sup>2</sup>

Vanessa da SILVA<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **RESUMO**

Este artigo objetiva estudar a cobertura da Copa do Mundo de futebol de 2010 realizada pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão, por meio da série de reportagens *Seleção Brasileira*. O estudo levanta hipóteses sobre a postura de espetacularização adotada nas reportagens, investigando-as, por meio de aspectos indicativos como a emoção e a comoção popular. A pesquisa terá como recorte quatro edições do quadro escolhidas aleatoriamente e terá como base a teoria do espetáculo de Guy Debord.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal Nacional; Copa do Mundo; Espetacularização; Debord; Futebol

### **1. Considerações Iniciais**

Esta pesquisa investiga a espetacularização contida em um dos maiores eventos esportivos mundiais: A Copa do Mundo de futebol. Para isto, escolheu-se a cobertura televisiva da Copa do Mundo de 2010 feita pelo telejornal mais assistido do Brasil, o Jornal Nacional, da Rede Globo de televisão.

O trabalho tem como recorte a série de reportagens *Seleção Brasileira*, veiculada no *JN* a partir de 12 de maio, logo após a convocação dos jogadores para a Copa. Foram 23 reportagens que contaram a história dos 23 jogadores da Seleção brasileira de Futebol por meio de depoimentos dos atletas, da família e de amigos. Para o desenvolvimento da análise foram escolhidas de maneira aleatória, as primeiras edições de cada semana em que o quadro foi veiculado, totalizando 4 reportagens da série. Respectivamente são elas: o goleiro Júlio Cesar (4'26''), o lateral direito Daniel Alves (4'50''), o atacante Robinho (5'34'') e, por fim, o centro-avante Luis Fabiano (5'29'').

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ4 – Jornalismo, do Intercom Júnior- Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XII Congresso de Ciência da Comunicação da Região Sul realizado de 26 e 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º ano do curso de Jornalismo da UEL, email: [gabymatao@gmail.com](mailto:gabymatao@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º ano do curso de Jornalismo da UEL, email: [vanessajornal@yahoo.com.br](mailto:vanessajornal@yahoo.com.br)



Assim, trabalha-se com a análise do conteúdo das reportagens buscando traços de emoção trazida pelos depoimentos dos familiares dos jogadores, da construção do mito na figura dos atletas e do viés apelativo e emocional recorrentes na cobertura televisiva do Jornal Nacional. Como aporte teórico, utiliza-se as pesquisas da espetacularização desenvolvidas pelo estudioso Guy Debord.

## 2. A mídia e a audiência

Antes de explicitar o histórico da relação entre brasileiros e Copa do Mundo, é necessário conceituar de que maneira essa comunhão foi construída. O elo principal entre o evento futebolístico e a população é a mídia - que nesse caso considera-se como os meios massificados – rádio, televisão, jornal, publicidade, etc. Seu poder de fortalecedora de verdades transforma seus produtos em “bens culturais”, o que constitui a já conhecida cultura de massas. Logo, as empresas de comunicação fabricam seus produtos, que vendidos, geram lucros para os proprietários, nesse caso, o lucro se refere à audiência. Segundo Édison Luis Gastaldo (2004), a noção de audiência é uma construção social e é a partir de seu emprego que podemos relacionar produção e consumo dos produtos da mídia:

Para os produtores da mídia, a audiência representa, como consumidora, a possibilidade de existência da produção de mercadorias no sistema capitalista, pois, uma vez produzidas, as mercadorias devem ser consumidas para que o sistema funcione. (GASTALDO, p.102, 2004)

Sob a ótica da venda e do lucro, Guy Debord (1998), conceitua a sociedade atual, como a do espetáculo e descreve uma sociedade organizada com base na produção e consumo de mercadorias arraigada aos sistemas econômicos e sociais. Assim, as condições modernas de produção são embasadas na representação da imagem tornado-as espetáculos.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. (...) É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo.

(DEBORD, 1994, p.107).



Logo, os meios de comunicação exercem o papel de levar até o público uma noção construída da realidade. Uma das formas de comunicação mais abrangentes no Brasil é a televisão. Segundo pesquisa do IBGE em 2009, 96% dos domicílios brasileiros possuíam pelo menos um aparelho de televisão; a porcentagem impressiona pelo fato do aparelho constar entre os três primeiros na posse de bens duráveis, sendo os outros fogão e geladeira.

O sociólogo francês, Pierre Bourdieu (1997), refere-se ao aparelho como um espelho de Narciso, um lugar onde, para muitos, a principal finalidade é aparecer. A televisão, para o pesquisador, é um instrumento de manutenção da ordem simbólica, já que passa por uma censura invisível e mesmo assim não deixa de atingir os telespectadores. Com esse poder de introduzir-se nas casas da população, a televisão possui certo monopólio na formação de opiniões e ideias. Esse meio de comunicação tem em mãos a imagem, por meio dela pode-se produzir o *efeito real*, podendo fazer ver e fazer crer no que se faz ver.

### **3. A televisão e o futebol**

Como principal meio de informação dos brasileiros, a televisão constitui um lugar central no imaginário popular, com discursos e linguagem que configuram e reconfiguram a narração da realidade e do mundo.

Nesta perspectiva, de acordo com Gaye Tuchman (1980), na tentativa de aproximação com o público, a mídia utiliza-se de artifícios, como a escolha de determinados enquadramentos e ângulos na produção das reportagens para definir significados sociais. A notícia assume um caráter atraente e, por muitas vezes, espetacular, com viés fixado na lógica das sensações e marcado pelo sensacionalismo. Atualmente, exemplos da espetacularização são recorrentes no jornalismo brasileiro e vão desde a abordagem dramática de crimes até a cobertura de eventos esportivos.

Na mídia televisiva, os telejornais caracterizam o cenário esportivo como um grande show de entretenimento da televisão; alimentado pelas exacerbadas doses de emoção e criação de linguagem imagética da figura do atleta, apresentando-o como ídolo ou herói, principalmente quando se trata da modalidade de preferência nacional, o futebol. Para despertar o interesse e fidelizar seu público, telejornais dão visibilidade a uma carga emocional produzindo grandes reportagens sobre vendas milionárias de jogadores, sobre escândalos esportivos e briga entre clubes.



A abordagem da mídia na cobertura de esportes pode ser definida por vários níveis de apropriação, segundo Umberto Eco (apud GASTALDO, 2004), o esporte em si, “jogado em primeira pessoa” é diferente de um esporte “elevado ao quadrado”, que é o espetáculo esportivo. O esporte como espetáculo gera um esporte “elevado ao cubo”, que é o discurso do esporte assistido, o discurso da imprensa esportiva. A transmissão esportiva é uma construção do enunciador, essa representação tem por base a realidade e pretende ser fiel aos fatos, entretanto, mesmo uma transmissão via satélite pela televisão é uma representação do que está ocorrendo ao longe.

Na transmissão televisionada de uma partida de futebol não podemos afirmar que a imagem de quem assiste a televisão é igual a de quem está presente no estádio. Existem diferenças no enquadramento e posicionamentos da câmera – geralmente uma única câmera posicionada com visão geral do campo é a mesma que faz as imagens com mais aproximação – além da questão de cores e sons que variam conforme o televisor. A lente da câmera tenta reproduzir a dinâmica do olho humano, porém, quem assiste a partida diretamente do estádio, a assiste em sua totalidade, não apenas onde está ocorrendo o principal lance entre os atletas.

No entanto, apesar das transmissões esportivas não apresentarem de fato todo o ambiente do campo de futebol, houve uma fidelização maior da população brasileira com o esporte após a veiculação da primeira Copa do Mundo de Futebol em 1970. Essa iniciativa partiu do governo militar que, juntamente com o Ministério das Comunicações, visava modernizar o país e divulgar suas realizações. Segundo Pedrinho Guareschi e Osvaldo Biz:

Nem o esporte escapou da exploração ideológica durante o regime militar. Os brasileiros assistiram, pela primeira vez, diretamente do México, aos jogos da Copa do Mundo, em junho de 1970. Segundo Lima e Ramos<sup>4</sup> (1984) a primeira transmissão direta, via satélite, de um acontecimento internacional constituía, na verdade, o primeiro resultado de um esforço deliberado do governo de implantar no país uma moderna infra-estrutura de telecomunicações, indispensável ao seu projeto de ‘integração nacional’ (GUARESCHI e BIZ, 2006, p.79)

Atualmente, a televisão, apresenta o esporte em outros momentos da programação além das transmissões de jogos, sendo introduzido nos telejornais um número maior de assuntos sobre esportes e seus personagens. O telejornalismo discute e

---

<sup>4</sup> A referência bibliográfica pertence ao livro de Guareschi e Biz, que segue. Lima e Ramos (1984, p.673-688).



aprofunda temas referentes ao futebol e outras modalidades na tentativa de criar um cenário de identificação com seu público.

### 3.1. A Copa no Jornal Nacional

O telejornal mais antigo e mais assistido do Brasil é o *Jornal Nacional* (JN), suas coberturas de campeonatos nacionais e modalidades diferentes do futebol não são tão aguardadas quanto a da Copa do Mundo. Embora se discuta a relação da mídia com os patrocinadores e a necessidade de ter uma cobertura eficaz com fins comerciais ainda sim quando se trata do maior evento mundial de futebol o tratamento é mais especial. É fácil lembrar-se das Copas de 2002 (Japão e Coréia) e 2006 (Alemanha), onde a apresentadora Fátima Bernardes saiu da bancada e viajou juntamente com a Seleção Brasileira de Futebol, cobrindo com exclusividade viagens, descontração em treinos e em pequenos trajetos oficiais com o ônibus da CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Em 2010, a Copa do Mundo de Futebol foi realizada na África do Sul, contudo, o JN deu início à cobertura do evento muito antes da cerimônia de abertura em meados de junho. Para o telejornal, o campeonato começou com a convocação dos jogadores pelo técnico Carlos Caetano Verri – Dunga. Durante toda a pré cobertura da Copa, o Jornal Nacional tentou atrair os telespectadores a acompanhar matérias e notícias sobre os jogadores do Brasil. Um exemplo é a série de reportagens *Seleção Brasileira*, que apresentou os jogadores convocados e suas histórias.

## 4. Estudo das reportagens

A série *Seleção Brasileira* começou a ser veiculada pelo *Jornal Nacional* um dia após o anúncio da lista de jogadores convocados pelo técnico Dunga, na quarta-feira 12 de maio de 2010. Durante 23 dias, o *JN* apresentou ao telespectador os jogadores, contando histórias de nascimento, superação, curiosidades e destacando declarações emocionadas de familiares. As reportagens foram produzidas pela Central Globo de Esportes e apresentadas pelo jornalista esportivo, Tino Marcos.

No total serão analisadas quatro matérias, transmitidas durante o mês de maio de 2010. A primeira do goleiro Júlio Cesar, que foi ao ar dia 12 de maio; a segunda do



lateral-direito Daniel Alves, veiculada dia 17; a terceira do atacante Robinho, que foi ao ar em 24 de maio; e a do também atacante Luís Fabiano, no dia 31.

As 23 produções seguem um padrão, começando sempre com fotos da infância e pequenos trechos de entrevistas com os jogadores, familiares ou pessoas importantes na formação do atleta. As matérias são mais extensas e têm o texto mais leve e poético se distanciando do jornalismo diário.

A emoção cria vínculos entre o telespectador e o fato noticiado, e é um elemento utilizado para se construir uma notícia-espetacular. Durante a análise haverá a procura por pontos nos quais a emoção fique aparente e sensibilize o telespectador, como histórias de superação, nostalgia e depoimentos emocionados por partes dos entrevistados.

#### **4.1. A construção do “mito”**

A prática jornalística reforça e instiga a ideia de que o jornalista deve ser um ser proativo, pronto para apontar rumos e desdobramentos sociais. A imagem passada é sempre a mesma, que o profissional utilizou do artifício da razão para se chegar à verdade. Para quem pratica esse tipo de jornalismo o espetáculo está ligado ao exagero de emoções, entretanto, os textos produzidos, apesar da busca de objetividade, carregam a subjetividade de quem os relata (HAGEN, 2008). Na série *Seleção Brasileira*, podemos considerar que o repórter Tino Marcos, mesmo com falta de intenções, anexou em sua fala um pouco da sensação passada em cada reportagem.

Nas quatro matérias analisadas as histórias pertencem a realidades diferentes. O goleiro Júlio César nasceu no Rio de Janeiro e começou a jogar futebol em um clube de futsal, diferente de Daniel Alves que, nascido no sertão baiano, aprendeu a jogar futebol no campinho de terra que ficava em frente a sua casa. As histórias de pobreza e superação fazem com que o telespectador tenha uma imagem diferente do jogador, desmistificando a visão de “atleta que joga fora do país”. Essa mudança de visão pode ser considerada uma construção da imagem do jogador, transformando-o em exemplo de superação para a família brasileira.

A apresentação da vida de agricultor de Daniel no interior da Bahia é demonstrada em uma analogia com sua pouca fala.



**Texto de Off<sup>5</sup>**

**Tino Marcos** - Sempre falou pouco, sempre viveu com pouco.

**Sonora<sup>6</sup> diálogo entre repórter e os irmãos e pai de Daniel**

**Ney Alves** - Meu pai sempre foi agricultor e a infância da gente era ajudá-lo na roça.

**Júnior Alves** - Às 4h da manhã, a gente acordava, ia pra roça às 5h da manhã.

**Domingos, pai de Daniel:** Trabalhava muito, de domingo a domingo. São seis meses de água e seis meses de seco, aí é complicado.

**Texto Off**

**Tino Marcos** - Na terra seca do sertão baiano, Seu Domingos dava um jeito de plantar e colher melão e cebola para vender. E tinha esperança de que, num campo de terra e pedra, nasceria a semente mais valiosa.

A reportagem segue com a entrada de Daniel Alves, com apenas 10 anos, no time comandado pelo pai ainda em Salitre, interior da Bahia. Momento de superação da pobreza também está presente na reportagem de Robinho. A matéria começa apresentando o pequeno Robson, jogando bola e quebrando coisas dentro da casa da mãe. Mas, a alegria rapidamente se perde quando Tino Marcos solta uma frase pontual.

**Sonora Robinho**

**Robinho** – Minha mãe sempre me chamou de Gordo.

**Tino Marcos** – Gordo?

**Robinho** – Olha, acho que não, só tinha aquela barriguinha de verme, normal de criança.

**Texto Off**

**Tino Marcos:** Era pobre.

**Sonora Robinho e mãe**

**Robinho** – Nunca tive bicicleta que eu queria, vídeo-game.

**Mãe de Robinho** – Eu trabalhava numa casa de família, na casa de um casal de senhores.

**Texto Off**

**Tino Marcos:** Moravam de aluguel, num quarto e sala. Eram inquilinos de Dona Luzia. Os pais e o filho único Robinho viviam do trabalho e da solidariedade.

**Sonora Dona Luiza**

**Dona Luiza** – Às vezes vinham trazer cesta básica. Eles eram muito pobres, mas eram muito honestos.

Muitos telespectadores já conhecem Robinho de longa data, entretanto poucas vezes sua história foi contada em rede nacional. O fato de sua mãe ter conseguido criar

<sup>5</sup> Off- “Parte da notícia gravada pelo repórter ou pelo apresentador, para ser conjugada com as imagens do fato, sem que o rosto de quem faz a leitura apareça no vídeo” (REZENDE, 2000, p.149)

<sup>6</sup> Sonora é um termo jornalístico que se refere a fala do entrevistado.



o filho com o pequeno salário de doméstica em Santos, traz uma identificação para com as mulheres que assistiam o telejornal. Mais uma vez é retratada a superação de uma família, o que pode acarretar na transformação dos jogadores em “mitos” a serem seguidos. A tendência da sociedade é espelhar-se nas aparências apresentadas pelos meios de comunicação em massa, logo, segundo Debord, o espetáculo torna-se uma representação humana de entretenimento.

#### **4.2. A relação com a família**

A família é peça-chave na formulação das reportagens, com depoimentos a cerca da criação e histórias sobre os jogadores, os fatos contados em entrevista ditam o ritmo de cada matéria. As entrevistas com familiares estão presentes nas quatro matérias analisadas, entretanto, na de Luís Fabiano não há a presença dos pais, apenas de um tio.

Na reportagem de Júlio César a família se faz presente em peso, com declarações da mãe e admiração do irmão mais velho. Quando perguntado sobre a mãe o jogador não se estende, segundo o próprio, falar sobre ela lhe deixa emocionado. Após a fala do goleiro o repórter Tino Marcos, ao perceber que o jogador não se alongaria no assunto, sugere um adjetivo para ajudá-lo a descrever a importância de sua mãe na construção de sua carreira.

**Sonora Júlio César**

**Júlio César** - A minha mãe, se eu cheguei onde cheguei, tem um percentual muito grande nisso. Não posso falar, senão me emociono. Eu não posso falar, ah... ela...

**Tino Marcos:** Ela foi sua escudeira?

**Júlio César** - Ela foi minha escudeira sempre

**Texto Off**

**Tino Marcos** - Entre o Rio e Milão, saudade.

**Sonora Pai de Júlio César**

**Pai** - A mãe foi a escudeira dele, escudeira mesmo

**Texto Off**

**Tino Marcos** - Às 6h, dona Fátima acordava o filho para saírem juntos para o treino.

**Sonora Dona Fátima**

**Dona Fátima** - Eu já levava marmita para ele, porque de lá ele ia para escola. Dentro do carro mesmo ele almoçava.





Dona Fátima chorava enquanto falava de como acompanhou o filho no começo da carreira e esse momento é mostrado em close<sup>7</sup> para o telespectador. O clímax da matéria se faz presente nas lágrimas da mãe de Júlio César, a cena transcende o simples papel de apresentar o jogador para o público e, a partir de qualquer semelhança com quem assistia, a reportagem transformou-se em algo maior do que simplesmente informação. A cena possibilitou aos telespectadores que “sentissem com emoção” o que estava sendo passado (HAGEN, 2009).

Nas reportagens de Robinho e Luís Fabiano há um fato em comum, as mães dos dois jogadores passaram por sequestros que, coincidentemente, tiveram a duração de dois meses. O seqüestro da mãe de Robinho foi acompanhado mais de perto pela mídia pelo jogador atuar no Santos Futebol Clube, diferente do caso de Luís Fabiano, que durante o incidente com a mãe estava em Portugal jogando pelo Porto. Quando a reportagem se refere aos sequestros mostra imagens da volta das mães para casa.

#### **4. Apelativo / Emocional**

São notáveis os sentidos que as quatro reportagens passam para o telespectador: superação, emoção e nostalgia. Nas entrevistas com os jogadores percebe-se que eles se sentem a vontade ao contar sua história, por mais desconhecida que seja. As histórias da infância trazem um pouco de graça para as matérias e são preenchidas com muitas fotos dos jogadores ainda pequenos.

##### **Sonora Robinho**

**Robinho** – Minha mãe me batia muito, porque eu quebrava os móveis que tinha, as únicas coisas que minha mãe comprava no R\$1,99.

##### **Texto Off**

**Tino Marcos** – Futebol e bons argumentos

##### **Sonora Mãe de Robinho**

**Mãe** - Ele dizia: ‘Mãe, o quadro da senhora caiu. Mas não fui eu que quebrei, foi a bola que bateu.

A infância de Luís Fabiano é contada pela professora.

##### **Texto Off**

**Tino Marcos** - Uma cara de levado, né professora?

##### **Sonora Professora Quaresimin e Luís Fabiano**

**Prof. Maria** - Dava trabalho, saía da sala

---

<sup>7</sup> Quando a câmera enquadra de forma mais fechada, aproximando do objeto filmado.



**Luís Fabiano** – Dei muito trabalho sim. Minha mãe sempre era chamada na escola

**Prof. Maria** - Os alunos entravam pelo portão lateral. Aí ele veio pela porta da frente e tentou entrar e eu disse que ele não ia entrar. Daí eu fechei a porta, ele chutou a porta

**Luís Fabiano** - De pequeno, era meio esquentado, não gostava de levar desaforo pra casa, sempre arrumava confusão.

#### **Texto Off**

**Tino Marcos** - Reprovado duas vezes e quantos adjetivos na ficha escolar? Indisciplinado, mal-educado, brigão, fala palavrão, furou a fila da merenda, brigou e bateu no Belarmino.

O que acalmava o menino? Uma fruta, por exemplo.

#### **Sonora tio Paulo Clemente**

**Paulo** - Você dava uma laranja pra ele, ele punha no chão e saía chutando.

As lembranças da infância não se comparam com a situação dos jogadores atualmente, e é a imagem de vitoriosos que ficará presa no imaginário do telespectador. Segundo Debord, a sociedade do espetáculo contempla alusões imagéticas que lhe são ofertadas, ou seja, os atletas, por estarem em um patamar acima e por ser assunto da mídia, tornam-se exemplo de comportamento para muitos brasileiros.

## **5. Considerações Finais**

O estudo desenvolvido pelo artigo pontuou características envolvendo sentimentalismo que extrapolam o conceito da informação em detrimento da busca pela audiência nas reportagens. As reportagens, objeto do estudo, foram produzidas e idealizadas com bastante antecedência possibilitando a utilização de elementos com um único objetivo: atrair o telespectador e criar a interação com o público alvo.

O planejamento das matérias levou em conta a cultura de relação familiar, paixão pelo futebol, intimidade e amor pela telenovela e televisão. Observamos que os destaques e as ferramentas utilizados: informações íntimas, envolvimento familiar, histórias de sofrimento, pobreza e imagens sentimentais fizeram uma verdadeira história ficcional como acontece nas novelas da própria emissora, o telejornal reforçava assim a ideia de que a vida pode ser apresentada como ficção, principalmente para atingir objetivos comerciais.

Por meio desta pesquisa com a série da vida dos jogadores constatamos a presença do conceito de espetáculo de Debord que deixa claro a postura do telejornal de ser o show, o espetáculo para uma sociedade fragmentada. O uso de recursos para



transformar matérias e outros elementos do telejornalismo em espetáculo não é um privilégio do Jornal Nacional, no entanto, o noticiário é o mais assistido e considerado o de maior credibilidade e seriedade da televisão brasileira, portanto deveria rever este tipo de produção apelativa para não usar seu público cativo como consumidor da mercadoria vendida nos telejornais no período da Copa.

## 6. Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Ed. Celta, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1ª reimpressão Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho A. e BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania**. Editora Vozes, 2006

GASTALDO, Édison Luis. **Copa do Mundo no Brasil: a dimensão histórica de um produto midiático**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 41, p.115 a 133, 1º. sem. 2004.

HAGEN, Sean. **A emoção como agente da cognição jornalística**. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese de Doutorado), 2009.

OLIVEIRA, Heloisa e MORAES, Victor. **O Telejornalismo como Espetáculo: um estudo do “caso Isabella” no Jornal Nacional**. Londrina, Universidade Estadual de Londrina (Trabalho de Conclusão de Curso), 2008.

REZENDE, Guilherme. **Telejornalismo no Brasil – Um Perfil Editorial**. São Paulo: Ed. Summus, 2000.

TUCHMAN, G. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: Free Press, 1980.